

PIONEIRAS DA ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL:
«ANOTHER BRICK» AGAINST «THE WALL»
OF INDIFFERENCE. MARÍA DE LOURDES
COSTA ARTHUR (1924-2003)

Ana Cristina Martins

Universidade Nova de Lisboa/Universidade de Évora

RESUMO

A historiografia da Arqueologia em Portugal só muito recentemente começou a conferir atenção ao papel desempenhado por mulheres arqueólogas na afirmação e no desenvolvimento desta ciência no país. Aos poucos, através da análise de documentação inédita cotejada com outras fontes primárias e secundárias, tem sido possível recuperar nomes até agora ignorados ou simplesmente esquecidos, sobretudo por um discurso essencialmente androcentrista. Entre esses nomes, constam os de arqueólogas estrangeiras que viajaram até Portugal entre os anos 30 e os anos 50 do século xx, enquanto Maria de Lourdes Costa Arthur procurava no estrangeiro (designadamente, em Espanha) a complementaridade académica que não conseguia encontrar entre nós. Por conseguinte, analisaremos o contributo destas investigadoras à luz da história da ciência, da História da Arqueologia e dos Estudos de Género, de modo a obtermos a visão holística pretendida.

PALAVRAS-CHAVE: Maria de Lourdes Costa Arthur, história da Arqueologia, Instituto de Alta Cultura, Estado Novo, Espanha.

ABSTRACT

«Female Pioneers of Archeology in Portugal: “another brick” against “the wall” of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003)». The history of archaeology in Portugal only recently began to give attention to the role played by women archeologists in the affirmation and development of this science in the country. Gradually, through unpublished documentation analysis collated with other primary and secondary sources, it has been possible to retrieve names so far ignored or simply forgotten, especially by an essentially male speech. Among these names, there are some foreign archaeologists who travelled to Portugal between the 30s and the 50s of the twentieth century, while Maria de Lourdes Costa Arthur sought abroad (notably in Spain) academic complementarity that she could not find among us. Therefore, we analyze the contribution of this researcher in the light of the history of science, history of archaeology and gender studies, in order to obtain the desired holistic view.

KEYWORDS: Maria de Lourdes Costa Arthur, History of Archaeology, Institute of High Culture, New State, Spain.



Que pretendo eu?

A resposta constitui o meu plano de trabalhos:

- a) especializar-me em Arqueologia e Arte romana em geral
- b) Aplicar o estudo destas a Lusitânia antiga
- c) Influências grega e etrusca na Arte romana

(Arthur, 1952)

1. MULHERES NA ARQUEOLOGIA E A ARQUEOLOGIA NO FEMININO: UM OLHAR SUMÁRIO

Como noutras áreas de investigação, o tema das mulheres em Arqueologia e da Arqueologia no feminino tem sido objecto de várias reflexões vertidas em encontros científicos, projectos e publicações —incluindo biográficas—, ao mesmo tempo que surjem redes de produção e de transmissão de conhecimento, embora ainda de um modo, dir-se-ia, regional. Nada admirável, se pensarmos no estado ainda relativamente precoce em que, na generalidade dos países, se encontra esta abordagem, apesar de pioneirismos verdadeiramente inspiradores para quantos prosseguiram nessa direcção¹, estudando e divulgando nomes incontornáveis para quem pretender compreender, com fidelidade e abrangência, a história de uma disciplina que se fez de múltiplas vozes. Por isso, também, os Estudos de Género conquistam maior expressão no domínio da História da Arqueologia, ao reconhecer-se que os silêncios sobrepassados na historiografia tradicional não se resumem às mulheres, insistindo-se na verificação de posições mais parciais (Nelson, 1997/2004; Nelson, 2006; Nelson, 2007; Díaz-Andreu e Sorensen, 1998; Sorensen, 2000).

Alguns nomes femininos timbraram indelevelmente páginas centrais da Arqueologia, a exemplo das inglesas Amelia B. Edwards (1831-1892) (Adams, 2010: 17-39), escritora, jornalista, egiptóloga, conferencista e cofundadora *Egypt Foundation Fund*, e Gertrude Bell (1868-1926), escritora, espia, arqueóloga e fundadora do Museu Arqueológico de Bagdade (futuro Museu do Iraque) (Howell, 2007). Actividades que executaram denodadamente, graças a todo um forte capital familiar, social, económico e cultural que lhes permitiu traçarem o seu próprio futuro. Eram, por conseguinte, privilégios assegurados pelo nascimento. Excepções que requeriam, mesmo que oficiosamente, um caminhar solitário (mas não isolado), despojado de casamento ou de filhos. Seria o reverso de uma liberdade disponível a escassas representantes femininas, numa sociedade conservadora que reprovava saliências desta natureza, por contrárias ao modelo imposto. Não que as próprias o contraditassem por completo, na medida em que, na maioria das vezes, se opunham

¹ Caso de *Excavating women. A history of women in European archaeology*, ed. by Margarita Díaz-Andreu & Marie Louise Stig Sorensen. London: Routledge, 1998.

ao movimento sufragista, numa atitude elitista, em defesa da classe social à qual pertenciam. Outras, por seu turno, como a jornalista, escritora e arqueóloga francesa Jane Dieulafoy (1851-1916), optavam por envergar roupas e assumir atitudes masculinas, pela sua crucialidade nos contextos muçulmanos que percorria com seu marido, o arqueólogo Marcel-Auguste Dieulafoy (1844-1920) (Adams, 2010: 41-63), numa particularidade assaz interessante pelo que lhe subjaz em termos de história da cultura, das mentalidades e de género. Outras, ainda, viram a autoria dos seus contributos metodológicos quase esquecidos, como no caso do «método Wheeler-Kenyon», codesenvolvido pela arqueóloga inglesa Kathleen Mary Kenyon (1906-1978), a primeira mulher a presidir à prestigiada *Oxford University Archaeological Society* (Herr, 2002: 51-55; Dever, 2006: 525-553).

Entretanto, as mutações teóricas e metodológicas registadas na historiografia da Arqueologia das últimas duas, três décadas, influenciaram de igual modo as linhas mestras da própria História da Arqueologia, particularmente da atinente às mulheres na ciência. Assim se ultrapassou o mutismo observado em estudos anteriores à década de 70, até que pensadoras, como a cientista e feminista norte-americana Evelyn Fox Keller (1936-), reflectiram sobre as razões do diferencial de género aquando da escolha de uma área ou de um projecto de investigação (Nelson, 1997/2004). Por isso, também, houve, a partir dos anos 80, que distinguir Arqueologia de Género e Arqueologia das Mulheres (não confundível com a Arqueologia Feminista), pelo carácter mais englobante da primeira (Conkey e Spector, 1984; Gero e Conkey, 1991), mesmo que a raiz de ambas seja feminista e anti-androcêntrica. Com efeito, a Arqueologia das Mulheres procura pós-processualmente o género feminino no registo arqueológico, para reexaminar estereótipos e reanalisar contributos, arrebatando, em simultâneo, mulheres arqueólogas ao silêncio e anonimato históricos (Cros e Smith, 1993; Nelson, 1997/2004). Tarefa executada ainda no rescaldo da segunda vaga feminista, por um número crescente de arqueólogas e de historiadoras da Arqueologia, a exemplo da arqueóloga lituana Marija Gimbutas (1921-1994).

Abriu-se, assim, caminho a novas possibilidades interpretativas do passado, revendo preconceitos —como o do socialmente menos evoluído matriarcado, e o da divisão intransponível de tarefas diárias (Linduff e Rubinson, 2008)—, e reavaliando a presença artefactual no registo arqueológico a partir de dados retirados da EtnoArqueologia, assim como a distribuição espacial, por exemplo, de elementos funerários. Reconsiderava-se, em concomitância, tarefas que, executadas e atribuídas milenarmente às mulheres, eram quase sempre ignoradas ou depreciadas —ou estranhadas, porque desmerecidas—, porquanto destituídas, presumidamente, de criatividade, como seriam a produção e a decoração cerâmicas, ou outras de mais difícil identificação no registo arqueológico (Frink e Weedman, 2006). Havia, em simultâneo, que interiorizar como estas e demais tarefas foram e são relevantes para o desenrolar da história da Humanidade, porquanto interrelacionáveis e interdependentes.

Embora tardiamente, quando comparado com exemplos como os acima explanados, este caminho historiográfico começou a ser desbravado em Portugal. Tanto em termos gerais, quanto ao nível da Arqueologia, replicando-se os encontros



científicos criadores de conhecimento sobre mulheres cientistas e técnicas² e as iniciativas destinadas a promover os estudos de género e das mulheres na Arqueologia portuguesa³.

Não obstante, e apesar de alicerçada, em grande medida, na pós-modernidade, a Arqueologia de género pós-processual parece não suscitar interesse de maior no país, eventualmente pela persistência do discurso processualista neopositivista (Diniz, 2006). Prédica que, ambicionando produzir conhecimento objectivo, contorna questões, como a de género, com (pretendida) neutralidade explicativa, enquanto o pós-processualismo insta em negar interpretações essencialistas. Interessante, porém, que as primeiras reflexões realizadas em Portugal sobre a Arqueologia contextualista não mencionassem, explicitamente, as questões de género, nem no corpo de texto, nem na bibliografia (Alarcão, 1997), e as que as referiram —elencando, ademais, mulheres arqueólogas—, não merecessem continuidade de análise (Jorge e Jorge, 1996). A não ser nos últimos anos (Bugalhão, 2013), quando também Rui Boaventura (1971-2016) principiou a interessar-se pela acção da arqueóloga alemã Vera Leisner (1885-1972) em Portugal⁴, designadamente por ocasião da sua primeira estada no país, nos anos 30. Década que, somada à de 40, nos começava, paulatinamente, a revelar episódios interessantes desconhecidos quase na íntegra, protagonizados por

² Entre outros, são os casos da comunicação «Mulheres cientistas e os Trópicos: visão preliminar», de Ana Cristina Martins, no Colóquio Ciências nos Trópicos: Olhares sobre o Passado, Perspectivas de Futuro (Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 5-7 de Janeiro de 2012), e dos encontros II Congresso Internacional em Arquitectura e Género (Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 7 de Outubro de 2014), promovido pelo Departamento de Arquitectura; seminário 'Camille Claudelle: o tempo e o modo talhados no feminino' (Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 26 de Maio de 2014), organizado pela Secção de História do Património e da Ciência do Centro de Pesquisa em Estudos Sociais da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração; I Congresso Internacional Arte e Género? (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação Arpad Szenes Vieira da Silva, 22-24 de Outubro de 2014), preparado pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

³ Disto são exemplos, as conferências de Jacinta Bugalhão 'As mulheres na Arqueologia portuguesa' no I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 21-23 de Novembro de 2013), publicada nas respectivas actas (Bugalhão, 2013), e de Ana Cristina Martins «Arqueologia, Missões Tropicais e Mulheres na Ciência», no âmbito das Jornadas de Investigação CEHFCi (Universidade de Évora, 18 de Julho de 2014); o relatório português 'DISCO-Discovering Archaeologists of Europe 2014', pela Associação Profissional de Arqueólogos, divulgada na Casa das Artes (Porto, 26 de Setembro) e na Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (3 de Outubro de 2014); o seminário 'A Arqueologia em Portugal sob o signo da mulher: entre a sombra e a cátedra' da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (21 de Outubro de 2014), o primeiro do género realizado em Portugal, com a presença de vários oradores e de uma especialista espanhola.

⁴ Testemunho disto, a conferência Vera.Leisner@portugal.pt que proferiu no seminário 'A Arqueologia em Portugal sob o signo da mulher: entre a sombra e a cátedra', na Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (21 de Outubro de 2014).

mulheres arqueólogas estrangeiras que escavaram em território português e preferiram conferências, algumas delas com visibilidade jornalística⁵.

2. MARIA DE LOURDES COSTA ARTHUR: BREVE CONTEXTO POLÍTICO, CULTURAL E MENTAL

Quando Maria de Lourdes Costa Arthur nasce, a 10 de Março de 1924, Portugal atravessa um dos períodos mais turbulentos da sua já longa história.

Profundamente marcado pela dolorosa participação na I Guerra Mundial (1914-1918) e refazendo-se do regime sidonista de 1918, o país voltara a mergulhar na incerteza alimentada pela instabilidade política que o varria desde então. Por isso também ocorreria o golpe de Estado daí a dois anos, derrubando a I República (1910-1926) e fazendo-a substituir por uma ditadura militar à qual se seguiu a ditadura nacional. Assim se abriria o caminho ao Estado Novo (EN) (1926/1933-1974), frustrando o sonho republicano de modernizar um território rural e arreigado a valores anacrónicos, como o português, por intermédio de uma burguesia citadina e progressista (Medina, 2004: 137-150; Rosas e Rollo, 2010). Malgrado sequente da conjugação de vários factores, a exemplo do estado oficioso de guerra civil quase permanente, dos ataques sucessivos à Igreja, da escassa longevidade dos sucessivos gabinetes governamentais, do adiamento das reformas ansiadas e anunciadas, da acumulação de rancores sociais e da multiplicação das dificuldades financeiras.

Mas, nem tudo se perdera, mormente nas áreas do ensino, da ciência e da cultura, publicando-se importante legislação e estruturando-se procedimentos. Era, no entanto, insuficiente para garantir a sobrevivência de um projecto ideológico trabalhado e acalentado desde finais de Oitocentos. Com efeito, muitas expectativas pessoais e colectivas tinham sido defraudadas entretanto. Entre elas, as das mulheres, no seio das quais grassava o analfabetismo e a pobreza. Apesar da entrada em vigor da lei do divórcio (Novembro de 1910), da permissão para ocupar funções públicas e do estabelecimento da escolaridade obrigatória até aos 11 anos, continuava a ser-lhes negado o direito ao voto, a serem elegíveis e eleitas para cargos municipais, e a ocuparem lugares de chefia. Pretensões fracassadas por entre diatribes lançadas ao Sufragismo, não obstante os apoios inabaláveis da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1909), ainda sob o manto da primeira vaga feminista.

Apesar das desilusões, a semente tinha sido lançada. Germiná-la, competia doravante a esforços individuais e colectivos, mesmo que circunstanciais. Circunstanciais, mas assertivos.

Este cenário era, pois, o geral para o país. Quanto ao concelho que serve de berço a M.^a de Lourdes —Seixal—, pauta-se por forte tradição progressista, tendo

⁵ Casos das inglesas Edith Guest, nos anos 30, e Jacquetta Hawkes (1910-1996), em 1949 (Martins, 2014: 90) —com quem Virgínia Rau (1907-1973), medievalista e docente universitária portuguesa, mantinha contacto—, e da alemã V. Leisner.



sido um dos primeiros municípios a proclamar a República antes da sua implantação, a 5 de Outubro de 1910. Particularidade que não é ignorada pela família de M.^a de Lourdes, a julgar pelo seu percurso académico, numa época em que Portugal se encontrava ainda impreparado para incorporar vontades individuais femininas. Nada, porém, que estranhasse numa região de expressivo liberalismo e implantação maçónica, como era o caso do Seixal e concelhos adjacentes.

3. ENTRE A CRIATIVIDADE E A CIENTIFICIDADE

Filha de Valentim Arthur, proprietário de armazém de comércio de víveres e de garagem, e de Cristina Rodrigues da Costa Arthur, M.^a de Lourdes nasce na casa de seus avós maternos, em Amora, concelho do Seixal, residindo depois com a família, em Cacilhas (IAC⁶. Livro n.º 3 Fls. 175 Proc. N.º 5367. 0627/13; IAC. *Ibid.* Doc. 1). Procede, por conseguinte, de um contexto familiar que lhe permite concretizar os seus intentos académicos alimentados por um liberalismo convicto, conquanto católico.

Concluída a escola primária, M.^a de Lourdes prossegue os estudos em Lisboa, onde conclui o curso geral dos liceus no Colégio Parisiense⁷, primeiro a ser criado na capital para o género feminino. Perfaz, em simultâneo, o curso geral de Piano, com exames realizados no Conservatório Nacional de Lisboa, sendo admitida para os três anos do Curso Superior. Completa, assim, a formação básica esperada de quem pertence à média e alta burguesia. Declina, no entanto, a frequência superior no Conservatório, por coincidir com a entrada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Correia, 1978: 88).

Não surpreende, por conseguinte, que M.^a de Lourdes seja a primeira mulher em Portugal a obter uma bolsa do Estado português para estudar Arqueologia no estrangeiro. Facto revelado por documentação inédita surgida de modo inesperado, como exemplo mais das múltiplas invisibilidades da produção científica, neste caso no feminino. Facto tanto mais imprevisível, quando M.^a de Lourdes integra a historiografia arqueológica pelas escavações realizadas no castro calcolítico de Vila Nova de São Pedro (VNSP) (Torres Vedras) e na cidade romana de Miróbriga (Santiago-de-Cacém), assim com por trabalhos publicados em coautoria com Manuel Afonso do Paço (1895-1968). Pouco ou nada, porém, que fizesse supor um percurso tão interessante, conquanto truncado.

A verdade é que o início do percurso académico de M.^a de Lourdes não é linear. Nem linear, nem imediato. Não, num país esforçado em reformar e incrementar a actividade científica pela importância que assumia na política interna e externa enquadrada pela nova agenda ideológica despontada no segundo pós-guerra mundial (Rollo, Queiroz, Brandão e Salgueiro, 2012).

⁶ Instituto de Alta Cultura.

⁷ Localizado na Rua dos Caminhos de Ferro.

A 20 de Julho de 1943, com 19 anos, M.^a de Lourdes requer admissão ao exame de aptidão ao curso de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) (AHUL⁸. Processo do Livro 12–Folha 283). Trata-se do seu primeiro encontro com a realidade universitária, por via, não da Arqueologia, mas da Filologia. Opção tomada, seguramente, por interesse pessoal e não por qualquer imposição familiar. Sugestão, talvez, mas não imposição. Trata-se, ademais, de um apreço académico ao qual voltará anos depois, já noutra contexto familiar e geográfico. Além disso, as perspectivas profissionais que se abriam com esta licenciatura poderão ter sopesado nesta sua decisão. Entre elas, a de professorado, razão, possivelmente, pela qual se inscreve em cadeiras da Secção de Ciências Pedagógicas, a 29 de Setembro deste mesmo ano de 1943. Ano de particular agitação universitária, reclamando os estudantes maior protagonismo nos destinos da Academia, enquanto se doutoravam as primeiras mulheres de áreas científicas (Matos e Ó, 2013: 1224-1226).

Não obstante este aparente entusiasmo filológico, M.^a de Lourdes conclui, a 28 de Julho de 1945, as provas do exame de aptidão ao curso de Ciências Históricas e Filosóficas, especialidade de História⁹. Desconhecemos, todavia, as razões desta resolução, embora timbre com ela os seus anos mais imediatos. Insucedida, não esmorece, numa prova da tenacidade que acompanhava os seus dias. Repetidas as provas em Setembro, matricula-se, por fim, no primeiro ano do curso. Curso que finaliza a 18 de Novembro de 1949 com o último exame da época de Outubro (*Ibidem*), embora se inscreva nas disciplinas suplementares de *Psicologia Experimental* e de *Teoria do Conhecimento*, fundamentais se pretendesse ingressar no professorado.

Não sendo propriamente extraordinária, a qualificação final obtida —12 valores—, por M.^a de Lourdes nas cadeiras obrigatórias revelam uma estudante mediana, porém empenhada. O que não era pouco. Analisando, porém, o respectivo certificado, encontramos uma M.^a de Lourdes diligenciada num período histórico que haveria de traçar o seu destino imediato. Referimo-nos à Antiguidade Clássica, à qual se juntava a Epigrafia (*Ibidem*). Antiguidade para a qual terá despertado no primeiro ano, consolidando o percurso por influência de docentes como o historiador da Arte Mário Tavares Chicó (1905-1966) (IAC. *Ibid.* Doc. 5. 09.08.1952), por influência do professor e museólogo João Couto (1892-1968) e frequência da cadeira de Arqueologia regida por Manuel Heleno (1894-1970), então director da FLUL e do Museu Nacional de Etnologia Dr. José Leite de Vasconcelos MNEDJLV (1893).

⁸ Arquivo Histórico da Universidade de Lisboa.

⁹ O interesse nutrido pela pesquisa historiográfica ficou patente no início do ano seguinte, com a elaboração do trabalho *Monografia de Cacilhas e de Almada*, com a data de 10 de Março de 1943 assinalada abaixo da dedicatória aos professores da Faculdade Luís Schwalbach e Santa Rita, o primeiro dos quais se consagrava, entre outros assuntos, a questões de história local. Nas palavras da autora, o trabalho foi realizado no curto espaço de tempo de 15 dias, a pedido de membro do Clube dos Rotários concelhio e seu familiar, para apresentação oral nesta instituição a 27 de Novembro de 1952, já na qualidade de licenciada.



Foi, precisamente, a M. Heleno que, findo o ano lectivo 1948-1949, M.^a de Lourdes transmite o propósito de elaborar a tese de licenciatura sobre a Tróia romana (Setúbal). M. Heleno sugere-lhe, no entanto, um tema mais restrito: o balneário de Miróbriga (IAC, *Ibid.* 05.11.1952). M.^a de Lourdes aceita o repto, até por já conhecer a estrutura indicada. Revisita-a, então, em Fevereiro e Março do ano seguinte, assim como ao Museu Municipal, enquanto procura a viúva de João G. da Cruz e Silva (1881-1948) «que explorou os referidos banhos, para me informar acerca dos escritos deixados por aquele mas, em vão, pois assegurou-me que o que deixara está já publicado.» (*Ibidem*). Circunstância que a faz escolher outro assunto para a sua dissertação. Elabora, apesar disso, um estudo comparativo do balneário com outros conhecidos do mundo romano, elaborando, em simultâneo, uma proposta de classificação das salas daquele Museu Municipal. Trabalhos estes que serão apresentados mais tarde, a 1 de Junho de 1952, em reunião do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia (1933), do qual era sócia efectiva com o número 119.

Iniciado o novo ano lectivo (1949-1950), continua a aprofundar o seu gosto pela antiguidade clássica. Interrompe, contudo, os estudos no ano lectivo de 1950-1951 para se dedicar, em exclusivo, à elaboração da tese sem a qual não se licenciaria. Pausa possível apenas com a concordância e cumplicidade liberais paternas (sobretudo paterna) sustidas num bom suporte financeiro. Mas foi também exequível graças à sua decisão de aprofundar conhecimentos na área:

Como é natural comecei a preparar o ambiente dentro do qual me pudesse mover com o maior proveito científico. *Não havendo cá um curso de Arqueologia*, mas só uma cadeira que versa assuntos desta (n.º 4.º ano de Ciências Históricas e Filosóficas e 3.º ano de Filologia Clássica) e pretendendo eu tirar a especialidade, considerei indispensável fazer uma tese dentro do âmbito, o que só poderia empreender em dois anos, conforme o que veio a suceder (*Ibidem*. Nosso itálico)

Interesse que consolida, nesta primeira fase, na redacção de artigo sobre Arqueologia concelho do Seixal, cujo conteúdo apresenta oralmente, por sugestão de M. Heleno, ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Lisboa entre 23 e 29 de Outubro de 1950¹⁰. Uma experiência que a entusiasma a prosseguir os estudos no estrangeiro, certamente por força do muito que aprende no decorrer dos trabalhos e dos contactos pessoais que neles estabelece. Além do mais, trata-se de um encontro marcado pela constituição definitiva da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, abarcando quase todos os ramos do conhecimento, numa procura de aproximação científica que não será indiferente a M.^a de Lourdes (El xx Congresso..., 1950: 901-902).

¹⁰ Celebrado juntamente com o xx Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências.

4. O CAMINHO PARECIA ESTAR DEFINIDO: A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Somente assim se compreende que participe em escavações de sítios arqueológicos não romanos, para neles aperfeiçoar as técnicas de trabalho de campo. Por isso a vemos sob direcção de M. Heleno, de Novembro a Dezembro, em Cambelas (Torres-Vedras) (IAC, *Ibid.* 05.11.1952) e Casal-do-Monte, onde colhe, à superfície, *belos exemplares do paleolítico* (*Ibidem*).

Há, todavia, que definir o assunto da dissertação e traçar o respectivo programa de trabalhos. Empreende, então, uma tarefa que guardara para mais tarde, pela complexidade que comporta: o estudo da romanização no distrito setubalense. Revisto e aprovado por M. Heleno, inicia o plano traçado a 28 de Novembro de 1950 para o concluir a 1 de Março de 1952, com 246 páginas e «65 estampas com várias figuras entre desenhos de minha autoria e fotografias todas recortadas e coladas por mim» (*Ibidem*).

Nada, contudo, que coíba M.^a de Lourdes de preparar comunicações a apresentar em reuniões científicas. É o que sucedeu entre 27 de Março e 4 de Abril deste mesmo 1951, no *II Congreso Arqueológico Nacional* (CAN) (Madrid) «do qual fez parte uma interessante excursão de 3.000 Km às diferentes e importantes jazidas arqueológicas, que durou de 1 a 4 de Abril.» (*Ibidem*)¹¹. Tão pouco a impede de estudar outras tipologias artefactuais e de integrar escavações de sítios atribuídos a cronologias pré-romanas. Ao contrário. Ainda orientada por M. Heleno, estuda a colecção do médico-cirurgião Francisco Gentil (1878-1964) procedente da estação arqueológica de Alcácer-do-Sal, apresentando-a aquele congresso madrileno.

Entretanto, já no Verão, sucede ao pré-historiador e reverendo português Eugénio Jalhay (1891-1950) (Correia, 1978: 89) nas escavações de VNSP (23 de Julho a 4 de Agosto) dirigidas por M. Afonso do Paço, cuja equipa volta integrar, desta feita para a exploração arqueológica do concelho de Marvão (26 de Setembro a 5 de Outubro)¹². Duas campanhas que serviram de mote a comunicações apresentadas em coautoria —M.^a de Lourdes e M. Afonso do Paço—, ao XXI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Málaga, 9 e 16 de Dezembro), «com os respectivos títulos —«Castro de Vila-Nova-de-S. Pedro— 15.^a campanha de escavações» e «Nota sobre os problemas arqueológicos do concelho de Marvão» (*Ibidem*). Parceria reveladora do apreço de M. Afonso do Paço pela discípula M.^a de Lourdes em quem deposita evidente confiança. Segurança que é revigorada no texto (no prelo ainda em Novembro de 1952) «II – Castro de Vila-Nova-de-S. Pe-

¹¹ «ESTAÇÕES VISITADAS Duratón (Segóvia) Termância Numância Cortes de Navarra Zaragoza Azaila Arco do triunfo de Medinaceli Manzanares // MUSEUS VISITADOS Numantono Nacional de Madrid Municipal de Madrid» (IAC, *Ibid.* 05.11.1952).

¹² «ESTAÇÕES VISITADAS NOS ARREDORES DE MARVÃO Monte-Velho; Castelo do Corregador; Aramenha (Amaia); Portagem (ponte romana); Inúmeras antas» (*Ibidem*).



dro —IV— Sementes pré-históricas // (resposta ao Prof. Clark da Universidade de Cambridge)» (*Ibidem*)¹³.

Sobrevindo o final do ano lectivo, M.^a de Lourdes defende publicamente, a 23 de Julho, a dissertação de licenciatura *A romanização no distrito de Setúbal*, sendo avaliada em 14 valores:

quasi não foi necessário defender-me pois o arguente, Dr. Bandeira Ferreira¹⁴ fez um elogio o mais possível tranquilizador, incitando-me a publicá-la. Devido ao seu tamanho e principalmente à quantidade de estampas que possui, torna-se-me impossível, materialmente a sua publicação total pelo que resolvi dividir em separatas para várias revistas. Assim tive o bom acolhimento do Prof. *Maluquer de Motes* que pos algumas páginas da *Zephyrus*¹⁵ à minha disposição e nela muito em breve sairá o primeiro excerto (*Ibidem*. Nosso itálicos)

A referência ao bom acolhimento deste seu trabalho por parte de Joan Maluquer de Motes (1915-1988), catedrático de pré-história, antigo aluno de Lluís Pericot Garcia (1889-1978) e discípulo de Pere Bosch Gimpera (1891-1974), (Díaz-Andreu, Mora Rodríguez e Cortadella Morral, 2009: 410-411), não é fortuito. Ao contrário, a sua menção reforça o prestígio procurado por M.^a de Lourdes, demonstrando, em concomitância, o respeito que o seu trabalho granjeava junto de mestres, mormente espanhóis, graças à sua presença em congressos espanhóis e luso-espanhóis, como os acima mencionados (*vide supra*).

5. RUMO À ESPECIALIZAÇÃO NO ESTRANGEIRO

No dia seguinte à conclusão dos estudos superiores, a 8 de Agosto, M.^a de Lourdes dirige-se, por carta, ao Instituto para a Alta Cultura (1936), com a finalidade de concorrer a bolsa de estudo conferida pelo Governo italiano para o ano de 1952-1953 (IAC, *Ibid.* 05.11.1952). Juntamente com a manifestação de interesse pela bolsa, associa informação relevante para o processo em causa. Assim, além do exigido *activo repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas*, sublinha possuir conhecimentos profundos de língua francesa e básicos de inglês e castelhano. Mais do que isso, nomeia quem possa entregar referências abanatórias a seu respeito. Entre

¹³ O sítio arqueológico de Vila Nova de São Pedro transformava-se, aos poucos, num espaço de abordagem interdisciplinar que terá permitido a M.^a de Lourdes rasgar novos horizontes: «Um outro depósito de trigo incarbonizado, além de carvões e conchas, vão dar motivo a novos estudos da Estação Agronómica de Sacavém, bem como de outros cientistas especializados». («O Castro» de Vila Nova de S. Pedro». *Novidades*. 21 de Agosto de 1951).

¹⁴ Fernando Bandeira Ferreira (1921-2002) foi um conhecido arqueólogo e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, precisamente ao tempo em que M.^a de Lourdes cursou História.

¹⁵ Fundada em 1950 pelo discípulo de M. Almagro Basch e catedrático de Salamanca, o arqueólogo J. Maluquer de Motes, a revista *Zephyrus* foi assumida de imediato pelo CSIC.

os nomes indicados, ressalta o de M. Heleno, a quem devia a forma entusiasta como abraçara o temário classicista e decidira especializar-se em Arqueologia clássica. Além deste, nomeia M. Tavares Chicó, seu mestre em história da arte, mormente clássica, e, como não podia deixar de ser, M. Afonso do Paço, com quem escavara.

Interessante, porém, que, a par destes e de outros, sublinhe um nome estrangeiro. Não tanto por esta condição, mas por ser feminino: o de Margaret Smith. Mas, quem era Margaret Smith e qual a sua importância para merecer menção num contexto tão delicado, quanto o de um pedido de bolsa ao IAC?

Margaret Smith é, à época, ainda uma jovem aluna de Arqueologia da Universidade de Oxford e discípula dilecta de Christopher Hawkes (1905-1992), formado em antiguidade clássica e professor de Arqueologia europeia (com enfoque na Idade do Ferro) desde 1946 naquele estabelecimento de ensino superior. C. Hawkes é, além disso, figura proeminente, entre outras instituições, do Conselho Permanente do Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas (Díaz-Andreu, 2012: 259). Encourajada por C. Hawkes a consagrar os estudos à Arqueologia espanhola, com o apoio de figuras como as de Ll. Pericot e Martín Almagro Almagro (1911-1984) (*Ibidem*), com quem priva e em quem deposita confiança intelectual, Margaret Smith deslocara-se a Espanha em 1950. Aqui aprendeu castelhano em Sevilha antes de viajar até Montpellier. Quase dois anos depois, em Janeiro de 1952, regressou a Espanha, com destino a Barcelona para estudar campaniforme. Mas não se deteve nesta cidade. Ao contrário, deslocou-se a Lisboa volvidos três meses, permanecendo oito dias em casa da família de M.^a de Lourdes (IAC. *Ibid.* Doc. 2. 05-11-1952), *na qualidade de bolseira para estudar o «vaso campaniforme»* (Idem).

Desconhecendo as razões deste episódio tão surpreendente quanto fascinante para o Portugal coetâneo, colocamos a hipótese de ter sido intermediado por E. Jalhay com quem C. Hawkes travara conhecimento por ocasião do primeiro Curso Internacional de Verão de Ampúrias (de Arqueologia) (CIVA), ocorrido em 1947 (Díaz-Andreu, *Ibid.*: 266). E. Jalhay era, por seu turno, colega e amigo de M. Afonso do Paço, com quem M.^a de Lourdes escavava em (*vide supra*). Se assim sucedeu, M.^a de Lourdes menciona Margaret Smith por esta integrar uma ampla rede de contactos arqueológicos que entende fundamental à concretização do seu percurso académico. Nada menos admirável quando as sucessivas edições dos cursos de Ampúrias consolidam a intento de internacionalizar a formação arqueológica, entre Espanha, França e Itália (*Ibidem*).

Trata-se, em rigor, de uma perspectiva que justifica algumas tomadas de posição da nossa protagonista (*vide infra*). Desde logo, o plano de estudos que concebe a curto prazo com vista a especializar-se em Arqueologia e arte romanas, e na influência grega e etrusca na arte romana. Onde? Na Universidade de Roma¹⁶, a

¹⁶ Programa clarificador do seu conhecimento do estado da arte neste domínio de especialização, a seguir de modo hierarquizado «em Roma, gostaria de trabalhar sob a direcção do Professor catedrático de Arqueologia e História d'Arte grega e romana, da Faculdade de Letras e Filosofia, Doutor Giglioli Guilio Quirino. Era meu desejo também praticar no Instituto di Archeologia e Storia dell'Arte. Em Florença completaria os meus estudos trabalhando no Opificio delle pietre dure, onde



partir de Outubro de 1952, seguido de um ano renovável para «Estudar a Arqueologia e arte romanas da Antiga Lusitânia, e concorrer a Conservadora dos Museus do Estado» (IAC. *Ibid.*)¹⁷. Finalidade expectável por parte de quem, sendo mulher, ambicionaria cumprir o papel para o qual fora educada, por mais liberal que fosse o seu contexto primordial: constituir família. Ora, um museu permitiria, desde este ponto de vista, conciliar vivências pessoais e profissionais.

M.^a de Lourdes seria uma boa candidata à bolsa pretendida. Cumulara trabalho na área, escavara e apresentara resultados preliminares de investigações realizadas em importantes encontros ibéricos, a exemplo dos Congressos Luso-Espanhol Para o Progresso das Ciências (Lisboa, Outubro de 1950); Málaga (Dezembro de 1951 e de 1952), e do II Congresso Arqueológico Nacional (Madrid, 1951) (*Ibidem*), onde conheceu o arqueólogo e professor Antonio García y Bellido (1903-1972) que tanta influencia viria a ter no seu futuro mais próximo (*vide infra*) (IAC, *Ibid.* 14.10.1952).

A vontade expressa, a tenacidade evidente e os nomes prestigiantes listados não são suficientes para cumprir este seu intento. Não desiste, porém. Longe de esmorecer, decide custear (mediante abonos familiares) a sua própria formação em Madrid, junto de A. García y Bellido. Intuito coadjuvado por M. Afonso do Paço, à época em mais uma campanha de escavações em VNSP, dirigindo-se, nesse sentido, por carta ao IAC:

A Ex.ma S. Dr. Maria de Lourdes Costa Artur tem tal desejo de especializar-se em romano, que se propõe ir para Madrid trabalhar com o prof. G. Bellido, no proximo ano lectivo, á sua custa. // Para facilidades de matrícula e mesmo aceitação, não seria possível equipará-la a bolseira desse Instituto? // Creio que quem a entusiasma mais é o Dr. João Couto e Dr. Chicó. // É certo que o melhor seria ir para Itália, mas devido ao insucesso da sua pretensão, terão de contentar-se com Madrid. // Recolho a Lisboa daqui a dias e, como o tempo urge, muito gostava de saber a sua opinião (IAC, *Ibid.* 23.09.1952)

tomaria contacto com os cuidados e fases dedicados à extracção e restauração de mosaicos. Refiro-me a esta instituição por achar que deve ser superior, no assunto a que me refiro, ao Instituto central do Restauro em Roma, dirigido pelo Prof. Brandi que já tive ocasião de ouvir numa conferência. // A esta primeira fase outra se seguiria: - visita ao Vale do Ródano e permanência em França, onde em Paris inscrever-me-ia no Collège de France em «Civilização romana» leccionada por Piganiol e em «Epigrafia e Antiguidades gregas» por Louis Robert. // [...]. Como tenho sempre em mente acompanhar os estudos teóricos de práticos, trabalharia simultaneamente no «Institut d'art et d'archéologie» onde se estudo Arqueologia clássica com o insigne Professor Picard. // [...] por ultimo, e com o mesmo intento fixar-me-ia em Espanha onde, em Madrid frequentaria o curso de Arqueologia no Instituto de Arqueologia «Rodrigo Caro» do Consejo Superior de Investigaciones Científicas». (*Ibidem*)

¹⁷ Esta terá sido uma das razões porque mencionou no *curriculum* endereçado ao IAC ter visitado vários museus até 1952, entre os quais o Arqueológico do Carmo (1864), em Lisboa e pertença da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863), o de Cascais (nos arredores de Lisboa), sendo que *neste trabalhei na arrumação dalgumas vitrinas*. Visitou ainda os museus dos Serviços Geológicos (Lisboa), da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães), Santos Rocha (Figueira da Foz), de Évora, de Lagos e Soares dos Reis (Porto), assim como, entre outras, as estações arqueológicas de Torre de Palma, Alter do Chão, Conimbriga, Santa Luzia (*Ibidem*).



Curioso que este excerto revele terem sido historiadores e museólogos a incentivar M.^a de Lourdes a especializar-se no estrangeiro e não M. Heleno, junto de quem despertara para a Arqueologia e de quem se assumia publicamente como discípula¹⁸. Mais intrigante se torna este facto por sido M. Afonso do Paço e não M. Heleno a envolver-se directamente no seu caso junto do IAC. Razões? Ignorando-as até ao momento, cremos que a personalidade complexa de M. Heleno não terá sido alheia ao assunto¹⁹. Não devemos, contudo, desmerecer o facto de M.^a de Lourdes ter codirigido, precisamente, com M. Afonso do Paço, a 15.^a e a 16.^a campanha (Verões de 1951²⁰ e 1952) de escavações de VNSP, sob patrocínio da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1929), coincidindo com parte do tempo que dedica à elaboração da tese licencial.

Independentemente destas considerações, o empenho de M. Afonso do Paço não foi em vão, assim como não foi infrutífera a persistência da própria M.^a de Lourdes. Decorridos dois meses, M.^a de Lourdes detalha ao IAC os requeridos objectivos, programa de trabalhos e *curriculum* académico:

desejando especializar-se, durante um ano (renovável) em *Arqueologia e Arte roman*as em geral e aplicadas à *Lusitânia Antiga* em particular; influências grega e etrusca na Arte e ainda assuntos relacionados com *Museus*, em Espanha, com o ilustre Professor Doutor Garcia y Bellido o qual já *convidou a requerente a trabalhar no Instituto Rodrigo Caro e a assistir às aulas na Universidade de Madrid* pelo que compreende ser de grande utilidade partir em Novembro afim de não perder muitas classes (IAC, *Ibid.* 05.11.1952)

O plano de trabalhos a empreender durante o período de vigência da bolsa, desvenda, por seu turno, quanto M.^a de Lourdes maturara a ideia. Dirigindo-se «ao Instituto de Alta Cultura, que não se tem poupado a esforços para atender aqueles que na realidade e desinteressadamente anseiam dar o máximo do que são capazes». (*Ibidem*), reitera as intenções enunciadas no requerimento de bolsa para Roma. Objectivo que não abandona por completo, reforçando-o, pelo contrário, num esquema de trabalhos adaptado às novas circunstâncias, ou seja, à realidade espanhola, mais concretamente, madrilena:

¹⁸ Periódico *Diário de Notícias*, 20 de Julho de 1953.

¹⁹ Com efeito, M. Heleno revela-se, por vezes, algo desconcertante. Encorajando e apoiando discentes que demonstram valências para a investigação arqueológica, mesmo quando expressas no feminino, algo ainda raro numa Arqueologia praticada essencialmente no masculino, parece afastá-los ao revelarem ambições e projectos próprios de estudo, mormente quando lavrados por discípulas, como no caso de V. Rau (*vide* a este propósito Gonçalves, 2011: 319), Rosa Capeans (1894-1995) e Irisalva Moita (1924-2009), para citarmos apenas estes nomes.

²⁰ *Vide* notícia incluída no jornal *Novidades*, datada de 21 de Agosto de 1951: «Desta campanha e seus curiosíssimos achados será pelos directores [M. Afonso do Paço e M.^a de Lourdes de Costa Arthur] da escavação do presente ano feita uma comunicação ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, a realizar em Málaga no mês de Dezembro».



este Plano [inicial] parece ter-se alterado em consequência do *convite gentilissimo do ilustre catedrático da Universidade de Madrid, Prof. A. García y Bellido, que tenho a honra de conhecer*. // Como se lê na carta que junto a este esquema de trabalhos, o referido Professor convida-me a trabalhar sob a sua direcção e a *publicar um trabalho orientado por ele*. // Se o Instituto de Alta Cultura achar conveniente que eu vá primeiro para Espanha, estou certa que, depois dum estágio em Madrid, a informação do Prof. Bellido acerca de mim será satisfatória pelo que, chegado o momento, o mesmo Instituto proporcionar-me-á a permanência em Itália onde será indispensável deslocar-me num futuro mais próximo (*Ibidem*. Nossos itálicos)

Palavras que denotam bem o conhecimento travado entre M.^a de Lourdes e A. García y Bellido²¹.

Destacado arqueólogo e historiador da antiguidade clássica, A. García y Bellido ocupava a Cátedra de Arqueologia Clássica da Universidade de Madrid (Díaz-Andreu, Mora Rodríguez e Cortadella Morral, 2009: 292-294) desde 1931, especializando-se em universidades europeias com apoio, entre outras instituições, da Junta para la Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas (JAE) (1907-19038), e promovendo a renovação da Arqueologia espanhola com base numa ideia histórica da investigação arqueológica (*Ibidem*)²². Considerado por muitos como o introdutor, por excelência, da Arqueologia clássica em Espanha —donde, na Península Ibérica— (Schattner, 2005: 77), A. García y Bellido destacou-se ao defender uma abordagem holística e interdisciplinar da história, mormente clássica (Schattner, 2005: 77-78)²³. Por isso, também, contribuiu para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos no seio do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC) (1939), fundando a revista *Arqueología Espanola de Arqueología* (1939) e criando o Instituto de Pré-História e Arqueologia «Rodrigo Caro» (1951). Instituto que dirige até falecer.

²¹ Neste mesmo ano, A. García y Bellido era admitido no prestigiado Instituto de Coimbra (1852) (Ferreira, 2015: 88), coincidindo com a primeira grande reestruturação do IAC.

²² «el signo que —con rarísimas excepciones— presidió hasta ahora nuestras actividades arqueológicas ha sido el del “provincialismo” científico, con toda la limitación de horizontes y pobreza de espíritu que en sí lleva el concepto» (García y Bellido, 1951: 164).

²³ A. García y Bellido elucida esta sua posição: «Según este concepto, es natural que la Arqueología clásica se cultive en estrecho contacto y en íntima convivencia con aquellas disciplinas afines por sus relaciones de sujeto, tiempo y lugar; es decir, con la Historia externa (en primer lugar), con la Numismática y con la Epigrafía antiguas, con la Filología y Lingüística clásicas (griega y latina fundamentalmente), con las Instituciones, con la Literatura y Filosofía antiguas, etcétera, etc. Para la Arqueología, todas ellas son disciplinas auxiliares, así como para cualquiera de ellas la Arqueología es una disciplina subsidiaria. Todas juntas, empero, lo son en última instancia para la Historia, ya que el fin último de todas y cada una de ellas es suministrar sus datos para el mejor conocimiento de la Historia de un pueblo, de un país, de una cultura, de un fenómeno, de una persona. Estas disciplinas especializadas son las que, a la postre, suministran los datos fundamentales a aquellas ciencias con objetivos más amplios, de carácter general o universal («vertical»), como son la Historia de la Filosofía, la Historia del Arte, la Estética, etc.». (García y Bellido, 1951: 162-163).

M.^a de Lourdes está bem ciente da relevância de A. García y Bellido, quer pelo prestígio que carrega, quer pelas oportunidades que lhe descerra de penetrar numa ampla e sólida rede de contactos de produção, transmissão e recepção de conhecimentos, neste caso arqueológicos e clássicos. Nada mais pertinente para concretizar o seu plano. Pelo menos no imediato.

Mas, e quanto ao próprio A. García y Bellido? Que interesse tem em acolher uma jovem licenciada portuguesa?

Responder a esta questão exige recordar que o catedrático espanhol corresponde-se, desde há pouco, com o arqueólogo português que haveria de se especializar em antiguidade tardia, Fernando de Almeida (1903-1979), assumindo mais tarde a direcção do MNEDJLV, da área de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da centenária Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) (1863) (Schattner, 2005: 78). Além disso, A. García y Bellido viajara até Portugal após o fim da II Guerra Mundial (1939-1945), em companhia de M. Almagro Basch, Lluís Pericot e Blas Taracena Aguirre (1895-1951), então director do *Museo Nacional de Arqueología* e Secretario do CSIC.

Esta deslocação em grupo até ao nosso país poderá ter sido sugerida por E. Jalhay, durante o CIVA de 1947, o primeiro dos codirigidos por M. Almagro Basch e L. Pericot García (Díaz-Andreu, *Ibid.*: 266). Mas pode ter surgido também na sequência de interesses manifestados nesse sentido pelos próprios colegas espanhóis, a julgar pelo seguinte excerto das Actas do Conselho da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, datado de 1945: «outros arqueólogos espanhóis de mérito [que não Santa-Olalla] têm mostrado desejos indênticos [de viajar até Portugal]: o Prof. Garcia V[B]ellido, catedrático da Universidade de Madrid; o Prof. Pericote, da Universidade de Barcelona». (Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, *Actas do Conselho*. Tomo 7.º [A 4]. 07.11.1945). Aspiração que, no entender dos conselheiros, havia que concretizar, até por *reciprocidade* (*Ibidem*).

Independentemente dos contextos que proporcionaram esta deslocação, os estudiosos espanhóis que a integravam assumiam, no conjunto, a orientação da investigação arqueológica em Espanha, tendo como elemento agregador o CSIC. Tratava-se, pois, de uma representação ao mais alto nível da Arqueologia espanhola, num expressão da importância que conferiam ao território português no quadro dos seus projectos de investigação. Por isso visitaram estações e colecções arqueológicas, sendo possível que a monografia *Estudios sobre escultura romana en los museos de Espana y Portugal* (1949), da autoria de A. García y Bellido, resultasse deste périplo ou fosse o seu motivo central (González Reyero, 2006: 232)²⁴. Foram, ainda, convidados a proferir conferências (Schattner, 2005: 78), a exemplo da AAP, da qual A. García y Bellido seria nomeado sócio correspondente estrangeiro no ano daquela sua publicação (1949), numa altura em que M. Afonso do Paço desfrutava de algum ascendente no seu seio e M.^a de Lourdes decidia consagrar-se aos estudos

²⁴ Por isto, A. García y Bellido agradece, por exemplo, a E. Jalhay e a M. Heleno o envio de fotografias incluídas neste seu trabalho.



clássicos, arqueológicos e artísticos. Uma conjugação certamente apreciada por A. García y Bellido.

Por conseguinte, o território português interessava à agenda científica — mormente arqueológica —, de A. García y Bellido. Conhecendo, como outros estudiosos estrangeiros²⁵, alguns dos seus protagonistas, não ignoraria, contudo, o estado embrionário desta ciência em Portugal (Fabião, 1997; Martins, 2003). Um estádio rudimentar que abrangia sobretudo o período clássico, pelas particularidades que envolveram o surgimento e a afirmação da Arqueologia no país, mais conectada à investigação pré-histórica (*Ibidem*). Pretenderia, pois, obter através de M.^a de Lourdes, em quem reconheceu as qualidades necessárias para o efeito, e de outros elementos das suas redes de contacto portuguesas, obter com maior facilidade e fiabilidade as informações que demandava para construir a sua narrativa sobre a Ibéria clássica, de uma Ibéria unida pelo classicismo. Ambicionaria, em simultâneo, estender o seu conceito de antiguidade clássica ao próprio universo académico português, aplicando, também por intermédio de M.^a de Lourdes e de outros colegas, a sua epistemologia e metodologia de trabalho à Arqueologia e à história da arte em Portugal, porque disso dependeria a qualidade e a quantidade dos elementos a recolher para a elaboração do discurso a edificar sobre a Península Ibérica:

Tendo [A. García y Bellido] las mejores impresiones de la Srta. Costa Arthur, a la cuál he tenido el gusto de conocer en el último Congreso de Madrid. Sé que es una estudiante de mucho entusiasmo y una gran cultura, por todo lo cual espero que *todos los frutos que pueda sacar aquí de nosotros y nosotros de ella serán óptimos* (IAC, *Ibid.* 14.10.1952. Nosso itálico)

Para M.^a de Lourdes, são inúmeros os benefícios a obter junto de A. García y Bellido e de sua vasta e diversificada rede de produção, transmissão e recepção de conhecimentos. A começar pela solidez formativa. Ademais, M.^a de Lourdes traça de forma lúcida o trajecto a cumprir neste seu plano de trabalhos, fruto da muita informação recolhida nos anos anteriores. Por isso pretende completar o *triângulo* de especialização a iniciar em Espanha, percorrendo França e Itália. A ordem desejada não é, todavia, esta, sendo justamente a inversa: *França, Itália e Espanha*. Sequência nada casual, resultando pelo contrário de um conhecimento profundo do estado da arte nesta matéria, pois:

Desta maneira, *seguiria um dos itinerários utilizados pelos antigos filhos do Lácio até as Gálias e por ultimo, e com o mesmo intento fixar-me-ia em Espanha onde, em Madrid frequentaria o curso de Arqueologia no Instituto de Arqueologia «Rodrigo Caro» do Consejo Superior de Investigaciones Científicas. // Quer dizer, primeiro iria para o centro da civilização romana e depois seguiria as vias da sua propagação e estudaria o seu reflexo em França e Espanha* (Roma Provincial) (IAC, *Ibid.* 05.11.1952. Nossos itálicos)

²⁵ Caso de C. Hawkes (Díaz-Andreu, 2012: 270).

Mas a menção a este *triângulo* —de «ouro» para os classicistas—, revela-se assaz interessante e não apenas pelo facto de a JAE, primeiro, e de o CSIC, depois, privilegiarem Itália como destino de bolseiros espanhóis a especializarem-se em Arqueologia, história e história da arte clássicas (Díaz-Andreu, Mora Rodríguez e Cortadella Morral, 2009: 219-221). Como assinalado noutros estudos (Díaz-Andreu, 2012: 264), os CIVA integravam uma estratégia mais alargada de construção de redes de arqueólogos italianos, franceses e espanhóis pertencentes a várias instituições que, em unísono, pudessem investigar assuntos comuns ao Mediterrâneo, mormente ocidental e romano. Propósito que, se não era apreendido, era pelo menos conhecido de M.^a de Lourdes, designadamente pelos encontros ibéricos em que participava desde 1950 (*vide supra*) e por intermédio de mentores como o próprio A. García y Bellido, M. Afonso do Paço e E. Jalhay.

6. UM CICLO ENCERRA PARA QUE OUTRO SE DESFECHE: ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

O intento de Maria de Lourdes Costa Arthur em especializar-se em Arqueologia clássica nas principais escolas europeias é cumprido. Cumprido, mas não na totalidade, nem no modo nem no tempo que pretendia. As razões de fundo deste desacerto são ainda por nós desconhecidas, embora os custos inerentes a uma bolsa em Itália, como era seu desejo inicial, para se especializar em Arqueologia não sopesasse menos. Ao contrário, nomeadamente quando a Arqueologia —pré-histórica e clássica—, não centralizava investimentos do IAC, em sintonia com a pouca expressão que tinha na agenda política do EN, porquanto dispensável na afirmação identitária do território. Seria, por conseguinte, mais fácil conceder bolsa para aprofundar conhecimentos arqueológicos em Espanha, até por ser um país com o qual o IAC mantinha uma proximidade evidente (Rollo, Queiroz, Brandão e Salgueiro, 2012), nomeadamente através do Instituto de Arte e Arqueologia «Diego Velázquez», onde B. Aguirre Taracena desempenhava papel preponderante. Havia, é claro, quem se esforçasse por contrariar este (quase) *status quo* da Arqueologia portuguesa, promovendo o ensino, a investigação, a preservação e a divulgação de conhecimentos, nomeadamente por via museológica (Martins, 2006). Tratava-se de empenhos substanciados numa procura permanente de ingresso em redes internacionais de especialistas e de abertura de centros com acentuada componente arqueológica, como o de Estudos Históricos e Arqueológicos (1942) dirigido por M. Heleno e anexo à FLUL, numa clara aproximação entre ensino e ciência, pois,

A decadência que se nota ao presente nos estudos históricos e arqueológicos, em particular no campo da investigação; a conveniência de encaminhar neste sentido os licenciandos e licenciados que mostrem vocação para tal e de lhes facilitar o trabalho criador; a necessidade de opor à tendência teorizante do nosso ensino a prática da investigação, o contacto directo com os documentos e monumentos tornam indispensável na Faculdade de Letras de Lisboa a existência de um Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos (IAC. Livro n.º 2 Fls. 230 Processo n.º 3542. 3158/9. 13.06.1942. Nosso itálico)



Não obstante, as dificuldades seriam inúmeras, começando pelas monetárias. Por isso, a maioria dos projectos de investigação arqueológica era realizada mercê de bolsas e subsídios conferidos pelo IAC, mormente em Portugal, ainda que o problema nuclear se mantivesse: a persistência da abordagem parcelar e histórico-culturalista das realidades estudadas com métodos de trabalho de campo já desusados (Martins, 2016).

A verdade é que a persistência de M.^a de Lourdes é coroada de êxito, mesmo que parcial e por via do financiamento colocado à disposição do IAC pelo CSIC. Facto que comprovava, ademais, o ambiente de saudável relacionamento entre instituições enquadradas por regimes totalitários e fortalecido por relacionamentos interpessoais. A nossa protagonista obtém então,

*bolsa de estudo fora do País, durante oito meses, a contar de Janeiro de 1953, a fim de se dedicar a estudos sobre Arqueologia e Arte romanas em geral e aplicadas à Lusitânia ainda, influências grega e etrusca na Arte e Museologia, em Espanha, sob a direcção do Prof. Garcia Bellido. // A esta bolsa atribuiu-se o quantitativo mensal de 3.000 pesetas, a sair do crédito posto à disposição deste Instituto pelo Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha. // Tal concessão foi feita nos termos da alínea a) do artigo 2.º do Decreto-lei n.º 38.680 (IAC, *Ibid.* 04.12.1952)*

Pelo apurado até ao momento, M.^a de Lourdes conquista a primeira bolsa disponibilizada pelo IAC para formação em Arqueologia no estrangeiro.

Acontecimento que, conjuntamente a testemunhos retirados de outras áreas científicas, dissipa alguns preconceitos historiográficos, em especial quanto a uma presumida dificuldade das mulheres cientistas em obterem apoio estatal para complementarem o seu percurso académico além-fronteiras. Certamente que o número de bolsas obtidas no país e no estrangeiro diverge de forma assinalável quando falamos no masculino e no feminino. Isto é inegável. Mas esta circunstância resultaria mais de factores exógenos ao IAC do que a uma decisão gerada internamente. Pelo menos de forma oficial. Na verdade, defendemos que outras circunstâncias determinavam —quantas vezes *a priori*—, o afastamento da mulher da prática científica, sobretudo quando implicava separações periódicas de familiares e estadas prolongadas para trabalho de campo e participação em reuniões científicas, de vincada preponderância masculina.

De entre estas causas externas, sobressai a pressão social colocada sobre a mulher para que constituísse família e a ela se dedicasse com desvelo total. Consciente ou inconscientemente, mimetizava-se assim uma secular tradição imposta no masculino (Vaquinhas, 2011) reforçada entretanto pela política católica fortemente conservadora, moralista e rural do EN, enaltecida da tríade Deus, Pátria, a Família (Torgal, 2009)²⁶. Tratando-se, porém, de um pressuposto a adoptar por

²⁶ Neste contexto, o papel da mulher era reduzido, tanto do ponto de vista económico, como social e cultural, exigindo-se-lhe feminilidade, virtuosismo, sacrifício e submissão, sobretudo ao marido (*cf.* Cova e Pinto, 1997; Pimentel, 1996 e 2007; Rosas, 2001).

decisão patriarcal, era à natureza económica, social, cultural e ideológica deste último que cabia o destino de cada agregado familiar. A esta circunstância, havia ainda que somar os valores diminutos das bolsas mensais disponíveis para aprofundar conhecimentos científicos dentro e fora do país. Valores a exigirem apoios complementares de familiares ou amigos, sob pena de não conseguirem cumprir o plano de trabalhos com a dignidade exigida. Por outras palavras, as bolsas de estudo eram maioritariamente usufruídas por quem possuísse o necessário suporte financeiro que dispensasse o bolsheiro de ingressar de imediato no mercado de trabalho para sua própria sobrevivência e de familiares eventualmente a seu cargo. Sendo uma oportunidade, quantas vezes única, de prosseguir estudos de qualidade e de abraçar uma vida dedicada à investigação científica, era também um momento de triagem, não tanto de competências, mas em termos sociais — e de género —, por via económica.

Felizmente para M.^a de Lourdes, o ambiente familiar ao qual pertencia era-lhe bastante favorável. Por isso, pode alcançar o seu objectivo, viajando sózinha até ao estrangeiro para se especializar na área pretendida.

Por seu turno, o IAC depositava evidentes expectativas em M.^a de Lourdes, considerando, é certo, a qualidade das cartas de recomendação associadas ao seu pedido de bolsa. Nada, todavia, que divergisse de situações análogas, mormente das assinadas no masculino. Além disso, a instituição privilegiava a formação no estrangeiro que garantisse a Portugal, um assinalável desenvolvimento da respectiva área científica. Somente assim faria sentido todo o investimento colocado no bolsheiro. Na maioria das disciplinas beneficiadas com esta política de gestão científica, criaram-se institutos, centros ou laboratórios especializados com investigadores apoiados total ou parcialmente de forma similar. No caso da Arqueologia, o processo decorreu de modo um tanto diferente, ao não ter originado um organismo próprio, como sucedia noutros países, incluindo Espanha (*vide supra*). Em seu lugar, assistimos à integração de bolsheiros em centros mais abrangentes financiados pelo próprio IAC e coordenados por quem determinava a prática arqueológica no país²⁷.

Entretanto, parece-nos significativo que o segundo e bem sucedido pedido de bolsa para o estrangeiro, dirigido por M.^a de Lourdes ao IAC, reforçe a intenção de aplicar os conhecimentos adquiridos ao estudo da presença clássica em território nacional, escavando e publicando, naturalmente, mas sobretudo com a perspectiva de vir a desempenhar as funções de conservadora de museu arqueológico, contribuindo para o estudo, a preservação e a divulgação de artefactos nele contidos, numa altura em que J. Couto (um dos mentores de M.^a de Lourdes — *vide supra*) procura reorganizar os museus nacionais de acordo com parâmetros internacionais (Costa, 2012):

gostaria de me dedicar, em Portugal a investigação arqueológica estando indicado para primeiro trabalho o de escavação da importante [cidade romana] AMMAIA

²⁷ Casos do já citado Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos, anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (até à sua transferência para Lisboa, nos anos 60), dirigidos, respectivamente, por M. Heleno e António Mendes Correia (1888-1960).



(Aramenha-Marvão) [...] // Há ainda que continuar as escavações do balneário de Meróbriga e fazer sondagens para pesquisa da urbe e do circo [...] // Suponho que esta actividade será compatível com o *cargo de Conservadora do Museu Central, para o qual me destino*. Por esta razão, merecer-me-à toda a atenção a visita aos museus estrangeiros, onde estudarei os processos de catalogação, sistema de vitrinas, disposição de material e sua conservação, iluminação, embelezamento das salas, etc., etc. (IAC, *Ibid.* 04.12.1952. Nosso itálico)

Não é apenas o envolvimento pessoal de M. Afonso do Paço e a carta de referência de A. García y Bellido que possibilitam a M.^a de Lourdes lograr a bolsa que a destina à capital espanhola, a 5 de Janeiro de 1953, para longos meses de aprendizagem e convivência científicas no Instituto de Arqueologia «Rodrigo Caro» do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*. O *curriculum* académico que tece sabiamente num curto espaço de tempo é de igual modo determinante, assim como a intenção manifestada de vir a ocupar o lugar de conservadora do principal museu de Arqueologia de Portugal, o de Belém.

Assim se encerra um capítulo; assim se inicia outro pleno de desafios e certamente de conquistas.

Mas, onde estagia? O que estuda? Que projectos de investigação executa? Que redes de produção, transmissão e recepção de conhecimento integra? Correspondeu a realidade encontrada no terreno às expectativas acalentadas de início? Terá M.^a de Lourdes conseguido sobrepujar preconceitos e manter-se no caminho que escolhera para si e como seu? Diferiu o seu percurso dos trilhados por outras cientistas portuguesas, incluindo arqueólogas?

Trata-se, sem dúvida, de um conjunto alargado de questões às quais procuraremos responder noutro contexto, analisando esta sua estada numa Espanha franquista, do ponto de vista da história da Arqueologia, da ciência e das mulheres na ciência, tentando, ainda, compreender as razões da ausência deste interessante episódio na historiografia portuguesa.

AGRADECIMENTOS

A Eulália Pérez Sedeño, pelo desafio que nos dirigiu para redigirmos um texto decorrente do workshop internacional 'História do Género. Género na História. Da Modernidade à Contemporaneidade: construções interdisciplinares', que teve lugar na Universidade de Évora, nos dias 3 e 4 de Março de 2016. À Família de Maria de Lourdes Costa Arthur Ubieto, pelo caloroso acolhimento e generosa disponibilização de documentação, muita dela inédita, que em muito enriqueceu a forma e o conteúdo deste artigo. Ao Doutor Carlos Sirgado e ao Dr. Paulo Gonçalves, pelas facilidades concedidas nas consultas arquivísticas.

RECEPCIÓN: agosto 2016, ACEPTACIÓN: enero 2017



REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS E BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVÍSTICAS

Arquivo familiar de Maria de Lourdes Costa Arthur.

Arquivo Histórico da Universidade de Lisboa–Reitoria. Processo do Livro 12.

Arquivo Histórico do Instituto Camões - Instituto de Alta Cultura. Livro n.º 3 Fls. 175 Proc. N.º 5367. 0627/13. Processo de Maria de Lourdes de Costa Arthur.

BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Amanda. *Ladies in the Field. Early Women Archaeologists and Their Search for Adventure*. Vancouver: Greystone Books, 2010.

ALARCÃO, Jorge de. «A Arqueologia contextualista». *Máthesis*, vol. 6, (1977), pp. 11-32.

ALMEIDA, ONÉSIMO Teotónio. «Historiografia da ciência. A recuperação de um lugar para a participação portuguesa». *Arquipélago. História*, 2.ª série v (2001), pp. 681-688.

BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe*, 1.ª ed., Paris: Gallimard, 1949.

BUGALHÃO, Jacinta. «As mulheres na Arqueologia portuguesa». *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, (2013), pp. 19-23.

BUREK, C.V. e HIGGS, B. (eds.). *The Role of Women in the History of Geology*, Londres: The Geological Society, 2007.

BURGUIÈRE, André. *L'école des Annales. Une histoire intellectuelle*. Paris: Odile Jacob, 2006.

BURNS, William E., *Science in the Enlightenment: An Encyclopedia*, Santa Barbara: ABC-CLIO, 2003.

CARR, Lydia C. *Tessa Verney Wheeler. Women and Archaeology before World War Two*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CONKEY, M. e SPECTOR, J. «Archaeology and the Study of Gender», en *Advances in Archaeological Method and Theory*, Nueva York: Academic Press, vol. 7, 1984, pp. 1-38.

COSTA, Madalena Cardoso da. «João Rodrigues da Silva Couto e a 'inovação museológica' em Portugal no século XX (1938-1964)», en Asensio, Lira, Asenjo y Castro (eds.), *SIAM. Series Iberoamericanas de Museología*, vol. 6, 2012, pp. 137-151.

COVA Anne e PINTO, António Costa. «O salazarismo e as mulheres. Uma abordagem corporativa». *Penélope*, vol. 17 (1997), pp. 71-94.

CROS, Hilary Du e SMITH, Laurajane (eds.). *Women in archaeology. A feminist critique*. Sydney: Australian National University, 1993.

DEVER, William G. «Kathleen Kenyon (1906-1978)», en *Breaking ground. Pioneering women archaeologists*, Getzel, M. Cohen & Martha Sharp Jourowsky (eds.), Michigan: University of Michigan Press, 2006, pp. 525-555.

DIAZ-ANDREU, Margarita. *Archaeological encounters. Building networks of Spanish and British archaeologists in the 20th century*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2012.



- DÍAZ-ANDREU, Margarita e SORENSEN, Marie Louise S. (eds.). *Excavating Women: A History of Women in European Archaeology*, Londres: Routledge, 1998.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita, MORA RODRÍGUEZ, Gloria e CORTADELLA MORRAL, Jordi (eds.). *Diccionario histórico de la Arqueología en España (siglos XV-XX)*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2009.
- DINIZ, Mariana. «Para a história das mulheres na Pré-História: em torno de alguns atributos do discurso». *Promontoria*, vol. 4, núm. 4 (2006), pp. 37-51.
- DOMÍNGUEZ ARRANZ, Almudena e MARINA SÁEZ, Rosa María (eds.). *Género y enseñanza de la historia. Silencios y ausencias en la construcción del pasado*. Madrid: Sílex, 2015.
- VV. AA. «EL XX CONGRESO Luso-Espanol para el Progreso de las Ciencias. Lisboa, octubre de 1950», *Las Ciencias*, vol. xv, núm. 4 (1950), pp. 901-902.
- EMLING, Shelly. *The fossil hunter. Dinosaurs, evolution and the women whose discoveries changed the world*. Londres: Palgrave Macmillan, 2011.
- FABIÃO, Carlos. «Percurso da Arqueologia clássica em Portugal: da Sociedade Archeologica Lusitana (1849-1857) ao moderno projecto de Conimbriga (1962-1979)», en Gloria MORA e Margarita DÍAZ-ANDREU (eds.), *La cristalización del pasado: génesis y desarrollo del marco institucional de la Arqueología en España*, Málaga: Universidad de Málaga, 1997, pp. 105-124.
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Myths of Gender: Biological Theories about Women and Men*. Nueva York: Basic Books, 1985.
- FEE, Elizabeth. «Is there a Feminist Science?», *Science and Nature*, vol. 4 (1981), pp. 41-44.
- FERREIRA, Licínia. *Sócios do Instituto de Coimbra (1852-1978)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.
- FOX KELLER, Evelyn. *Reflections on Gender and Science*. New Haven y Londres: Yale University Press, 1985.
- FRINK, Lisa e WEEDMAN, Kathryn (eds.). *Gender and hide production*. Lanham: Altamira Press, 2006.
- GARCÍA Y BELLIDO, Antonio. «El Instituto de Arqueología y Prehistoria 'Rodrigo Caro'», en *Archivo Español de Arqueología*, vol. 24, núms. 83-84 (1951), pp. 161-168.
- GERO, Joan e CONKEY, Margaret (eds.). *Engendering Archaeology. Women and Prehistory*. Oxford: Blackwell, 1991.
- GOMES, Francisco B. «Arqueologia e Género(s): de *strange bedfellows* a um paradigma de leitura crítica do Passado SAPIENS». *Revista de História, Património e Arqueologia*, vol. 5 (2011), pp. 6-30.
- GONÇALVES, Victor S. «Vere Gordon Childe em Portugal. Uma pequena história (moral?) sobre um jovem lobo ainda inexperiente e uma raposa matreira». *O Arqueólogo Português*, Série v, vol. 1, (2011), pp. 313-328
- GONZÁLEZ REYERO, Susana. *La fotografía en la arqueología española (1860-1960): 100 anos de discurso arqueológico a través de la imagen*. Madrid: Real Academia de la Historia / Universidad Autónoma de Madrid, 2006.
- HARRIS, Barbara J e MACNAMARA, Jo Ann. *Women and the structure of society: selected research from the Fifth Berkshire Conference on the History of Women*. Duke: Duke University Press, 1984.
- HERR, Larry G. «W.F. Albright and the History of Pottery in Palestine». *NEA*, vol. 65, núm. 1 (2002), pp. 51-55.
- KASS-SIMON, Gabriele e FARNES, Patricia. *Women of Science: Righting the Record*. Indiana: Indiana University Press, 1993.



- LINDUFF, Katheryn M. e RUBINSON, Karen S. (eds.). *Are All Warriors Male? Gender Roles on the Ancient Eurasian Steppe*. Lanham: Altamira Press, 2008.
- MARTIN, Alison E. «The voice of nature: British women translating botany in the early nineteenth century», en Luise von Flotow (ed.), *Translating women*, University of Ottawa Press, 2011, pp. 11-35.
- MARTINS, Ana Cristina. *A Associação dos Arqueólogos Portugueses na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de (trans)formação (1863-1963)*. Texto policopiado. Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, especialidade em Arte, Património e Teoria do Restauro. Universidade de Lisboa, 2005.
- «Mission: *modernize!* Portuguese archaeology in the 1960s (a preamble)», en Géraldine Delley, Margarita Díaz-Andreu, François Djindjian, Víctor M. Fernández, Alessandro Guidi and Marc-Antoine Kaeser (eds.), *History of Archaeology: International Perspectives Proceedings of the XVII UISPP World Congress (1-7 September 2014, Burgos, Spain)*, vol. 11 (2016), Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, pp. 179-187.
- «Mulheres cientistas e os Trópicos: (in)visibilidades da primeira metade do Novecentos portugueses», en Fátima Rollo e Maria de Fátima Nunes, Madalena Esperança Pina e Maria Inês Queiróz (eds.), *Espaços e actores da ciência em Portugal (séculos XVIII-XX)*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015, pp. 269-290.
- «Mulheres cientistas e os Trópicos: uma visão preliminar», en *Actas do Colóquio Internacional Ciência nos Trópicos: olhares sobre o passado, perspectivas de futuro*, Lisboa: IICT, 2011, pp. 2013.
- «Na intermitência do ser e do agir a Associação dos Arqueólogos Portugueses no Estado Novo (1933-1963)». *Arqueologia & História*, vols. 64-65 (2012-2013, 2014), pp. 81-92.
- *Possidónio da Silva (1806-1896) e o elogio da memória. Um percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2003.
- MATOS, Sérgio Campos e RAMOS DO Ó, Jorge (coords.). *A Universidade de Lisboa. Séculos XIX e XX*. vol. II, Lisboa: Tinta-da-China, 2013.
- MEDINA, João, «A República-o que foi?», en João Medina (coord.), *História de Portugal*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1994.
- MORAES, Marçílio Danilo Nascimento de. *A historiografia da ciência de Thomas Kuhn: a ciência vista em seu contexto histórico*. Monografia apresentada ao Programa de Educação Tutorial do curso de Física, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba [<http://www.fisica.ufpb.br/~pet/Monografias/A%20Historiografia%20da%20Ci%C3%Aancia%20de%20Thomas%20Kuhn%20-%20Nilo%20Moraes.pdf>]. 2009.
- NELSON, L.H. e NELSON, J. (eds.). *Feminism and philosophy of science*. Dordrecht: Kluwer, 1996.
- NELSON, Sarah Milledge (ed.). *Handbook of gender in archaeology*. Lanham: Altamira Press, 2006.
- *Women in antiquity. Theoretical approaches to gender and archaeology*. Lanham: Altamira Press, 2007.
- *Gender in archaeology. Analyzing Power and Prestige*. (2nd ed.), Lanham: Altamira Press, 2004.
- NORTON, Leonie. *Women of Flowers. Botanic Art in Australia from the 1830s to the 1960s*. Canberra: National Library of Australia, 2009.
- OGILVIE, Marilyn Bailey. *Marie Curie: A Biography*. Westport: Greenwood Press, 2004.
- PEARSON, Jacqueline. *Women's Reading in Britain: 1750-1835. A Dangerous Recreation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.



- PIMENTEL, Irene Flunser. *Contributos para a História das Mulheres no Estado Novo - As Organizações Femininas do Estado Novo. A «Obra das Mães pela Educação Nacional» e a «Mocidade Portuguesa Feminina» (1936-1966)*. Tese de mestrado em História dos Séculos XIX e XX, secção Século XX, Lisboa, FCSH/Universidade Nova de Lisboa, 1996, policopiado.
- *Mocidade Portuguesa Feminina*. Lisboa: A esfera dos livros, 2007.
- QUEROL, M.^a Ángele e TRIVIÑO, Consuelo, *La mujer en «el origen del hombre»*. Barcelona: Bellaterra, 2004.
- RAYNER-CANHAM, Marelene e RAYNER-CANHAM, Geoff. *Chemistry was Their Life. Pioneer British Women Chemists, 1880-1949*. London. Imperial College Press, 2008.
- ROLLO, Maria Fernanda, QUEIROZ, Maria Inês, BRANDÃO, Tiago e SALGUEIRO, Ângela. *Ciência, cultura e língua em Portugal no século XX*. Da Junta de Educação Nacional ao Instituto Camões, Lisboa: Instituto Camões / Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.
- ROSAS, Fernando e ROLLO, Maria Fernanda (coords.). *História da primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta-da-China, 2010.
- ROSAS, Fernando. «O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo». *Análise Social*, vol. xxxv, núm. 157 (2001), pp. 1031-1054.
- ROSSITER, Margaret W. *Women Scientists in America. V.I. Struggles and Strategies to 1940*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1984.
- SCHATTNER, Thomas G. «García y Bellido y la arqueología clásica portuguesa», en *ANEJOS de la AESPA-Archivo Espanol de Arqueología*, xxxiv, *La Arqueología Clásica Peninsular Ante el Tercer Milénio. En el Centenario de A. García y Bellido (1903-1972)*, 2005, pp. 75-80.
- SHEFFIELD, Suzanne L.M. *Women and Science: Social Impact and Interaction*. Santa Barbara: Rutgers University Press, 2006.
- SORENSEN, Marie Louise S. *Gender Archaeology*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- TORGAL, Luís Reis. *Estados Novos. Estado Novo. Ensaio de História Política e Cultural*. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- VAQUINHAS, Irene. «A família, essa «pátria» em miniatura», en José Mattoso (dir.), *História da vida privada em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011, pp. 118- 151.
- «Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço», *História. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, s. III, vol. 3 (2002), pp. 201-221.
- WAYNE, Tiffany K. *American Women of Science since 1900*. vol. 1. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

